

# Revista Brasileira de Educação do Campo

The Brazilian Scientific Journal of Rural Education

ARTIGO/ARTICLE/ARTÍCULO

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6500>



## Da alfabetização à politização na Comunidade Viva Deus

Betânia Oliveira Barroso<sup>1</sup>, Jullyana Cristhina Almeida de Freitas<sup>2</sup>, Elena Steinhorst Damasceno<sup>3</sup>, Juliana Ferreira de Sousa<sup>4</sup>  
<sup>1, 2, 3, 4</sup> Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Centro de Ciências Sociais Saúde e Tecnologia (CCSST). Licenciatura em Ciências Humana/Sociologia (LCH). Rua Urbano Santos s./n. Imperatriz - MA. Brasil.  
*Autor para correspondência/Author for correspondence: barroso636@hotmail.com*

**RESUMO.** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma experiência prática da Educação Popular, tendo em vista sua importância social, pedagógica e cultural em processos de resistência, a partir das concepções de Paulo Freire e como isso contribui para processos de alfabetização num contexto de luta popular por terra na Comunidade Viva Deus, localizada na Estrada do Arroz na cidade de Imperatriz/MA, que conta com o Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular - GEPEEP. Nesse sentido, apresentaremos duas frentes de formação: a de alfabetização EJA e de politização, enfatizando a alfabetização por meio da metodologia freireana, que nos traz o círculo de cultura e a palavra geradora como elementos base para a formação. Assim, partindo de uma ação dialógica, democrática, emancipatória que não está presa somente ao processo formativo de saber ler e escrever, mas também, de uma reafirmação de identidade da comunidade, da própria existência autônoma no espaço social, é que o presente trabalho encontrou significação e pode afirmar a concretização de mudanças e transformações da Comunidade Viva Deus.

**Palavras-chave:** Alfabetização de Jovens e Adultos, Educação Popular, Paulo Freire, Comunidade Viva Deus.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 5	e6500	10.20873/uft.rbec.e6500	2020	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	-------	-------------------------	------	-----------------



## From literacy to politicization in the Viva Deus Community

**ABSTRACT.** This paper aims to present a practical experience of Popular Education, considering its social, pedagogical and cultural importance in resistance processes, based on the conceptions of Paulo Freire and how this contributes to literacy processes in a context of popular struggle for land in the Viva Deus Community, located on the rice road in the city of Imperatriz/MA, which has the Teaching, Research and Extension Group in Popular Education - GEPEEP. In this sense, we will present two training fronts: EJA literacy and politicization, emphasizing literacy through Freirean methodology, which brings us the circle of culture and the generating word as basic elements for the formation. Thus, starting from a dialogic, democratic, emancipatory action that is not only bound up with the formative process of knowing how to read and write, but also with a reaffirmation of the identity of the community, of the autonomous existence itself in the social space, meaning and can affirm the concretization of changes and transformations of the Living God Community.

**Keywords:** Youth and Adult Literacy, Popular Education, Paulo Freire, Viva Deus Community.

## De la alfabetización a la politización en la Comunidad Viva Dios

**RESUMEN.** El presente artículo tiene como objetivo presentar una experiencia práctica de la Educación Popular, teniendo en cuenta su importancia social, pedagógica y cultural en procesos de resistencia, a partir de las concepciones de Paulo Freire y cómo esto contribuye a los procesos de alfabetización en un contexto de lucha popular por la tierra en la Comunidad Viva Deus, ubicada en la Estrada do Arroz en la ciudad de Imperatriz/MA, que cuenta con el Grupo de Enseñanza, Investigación y Extensión en Educación Popular - GEPEEP. En este sentido, presentaremos dos frentes de formación: la de alfabetización EJA y de politización, enfatizando la alfabetización por medio de la metodología freireana, que nos trae el círculo de cultura y la palabra generadora como elementos base para la formación. Así, partiendo de una acción dialógica, democrática, emancipatoria que no está presa sólo al proceso formativo de saber leer y escribir, sino también, de una reafirmación de identidad de la comunidad, de la propia existencia autónoma en el espacio social, es que el presente trabajo ha encontrado significación y puede afirmar la concreción de cambios y transformaciones de la Comunidad Viva Dios.

**Palabras clave:** Alfabetización de Jóvenes y Adultos, Educación Popular, Paulo Freire, Comunidad Viva Dios.

## Introdução

A experiência relatada no presente artigo parte de experiências pedagógicas práticas referentes à primeira fase do Projeto de Extensão intitulado “A Formação de Alfabetizadores (as) da Educação de Jovens e Adultos da Zona Rural de Imperatriz/MA: Projeto Comunidade Viva Deus”, que gira em torno da formação de educadores (as) para o processo de alfabetização/politização de jovens e adultos da zona rural de Imperatriz/MA em uma comunidade de acampados que aguardam há 15 anos pela regularização da titularidade da terra a qual ocupam, denominada “Comunidade Viva Deus”, onde tal formação considera as histórias e experiências de vida dos sujeitos. O projeto em questão é desenvolvido pelo Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular - GEPEEP, do curso de Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz.

O projeto funciona a partir de duas frentes de formação, uma de alfabetização de Jovens e Adultos e outra de formação de educadores (as)/formação política. Destacaremos nesse trabalho as experiências de práticas pedagógicas desenvolvidas no grupo de alfabetização para Jovens e Adultos, com base na

perspectiva metodológica de Freire (1977), como um diferencial para esse processo de alfabetização que politiza e desenvolve um reconhecimento da identidade dos educandos, enquanto valorização da sua comunidade e de suas experiências de vida.

A Comunidade Viva Deus está localizada a 60 quilômetros de Imperatriz/MA e é composta por 110 famílias acampadas que aguardam há 15 anos pela legitimação de posse para o processo de assentamento às margens da Rodovia Pe. Josimo, conhecida como Estrada do Arroz. As famílias estão organizadas através de uma associação de produtores rurais, entretanto, tal associação possui uma representação muito mais ampla, onde não somente trata de assuntos formais de uma associação, mas também dá suporte na luta pela terra.

Desse modo, a partir da principal luta da comunidade, que é a luta pela terra, é importante ressaltar que não podemos deixar de reconhecê-los como sujeitos que compõem uma luta popular, onde tal luta é o principal elo entre os sujeitos, bem como o principal elemento utilizado no processo de formação. É claro notar que o caráter pedagógico está presente no próprio ato de participação em fazer que suas demandas sejam ouvidas tanto pelo poder público

quanto pela sociedade. Nesse sentido, Gohn (2011) assinala que:

Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. Portanto, trabalha-se com uma concepção ampla de educação. Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos.

O histórico de luta da Comunidade Viva Deus possui uma relação direta com a educação mesmo antes da chegada do Projeto, tendo em vista que o caráter educativo foi inserido a partir do momento em que os sujeitos pensavam coletivamente estratégias de socialização para que suas demandas não permanecessem negligenciadas pelo Estado. Tal socialização é concretizada em ações e os tornaram conscientes sobre seus direitos que, até então, não sabiam que os tinham, trazendo-os para uma interpretação e ação prática. Essas ações, que são reivindicações por políticas públicas de manutenção do território e de condições básicas para a sobrevivência, como, por exemplo, a reivindicação de instalação de energia elétrica e participação em reuniões nos órgãos competentes, derivam de

questionamentos ao que é instituído e ao que lhes é imposto.

Dessa forma, concebemos aqui, a educação, não como um processo enclausurado, mas como resultado de um processo político-social.

Para identificarmos de que modo a educação e a luta popular por terra na Comunidade Viva Deus podem se relacionar, basta observar as ações práticas de movimentos e grupos de luta popular, que direta ou indiretamente sempre acabam gerando saber. Tal saber é construído nas articulações que os grupos de iniciativa popular estabelecem na prática cotidiana, que fazem surgir temas que derivam da atual conjuntura política, sociocultural e econômica do país.

A partir dessa problemática, buscamos promover o processo de formação de professores/alfabetizadores da educação popular de Jovens e Adultos com base nos pressupostos e metodologia proposta por Paulo Freire (1978, 1979), uma vez que o autor é referência na práxis da Alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, bem como para o processo formativo de professores (as) da iniciativa da educação popular e suas especificidades, compreendendo também a dimensão política do processo formador. Nessa perspectiva, apreendemos a importância dos contextos e histórias de

vida de sujeitos trabalhadores rurais que não tiveram acesso à formação no tempo considerado “adequado”, mas que querem colaborar para seu desenvolvimento e do coletivo.

Compreendemos a Educação Popular como um processo amplo que transcende a educação formal e foca nos processos de formação humana, que se dá de maneira dialética na relação entre homem, sociedade e natureza. Nesse sentido, uma práxis educativa que atue em consonância com um projeto emancipatório, a educação deve ser concebida como uma prática mediadora situada no centro das relações sociais, que a partir da conscientização humana projeta os indivíduos para atuarem na transformação da sociedade.

Nesse sentido, a educação de iniciativa popular é de suma importância, pois, para Wanderley (1984), ela estimula a participação política, cidadã, das classes populares para a superação de condições sociais opressivas, e, portanto, é premente a necessidade de pesquisas, atividades de extensão e reflexões que deem suporte para essa modalidade da educação, visando traçar estratégias pedagógicas que contemplem essas especificidades. No entanto, a educação constituída no seio popular ainda sofre diante do fato de os saberes práticos, produzidos pelas diferentes sociedades, estarem situados

numa posição subalterna diante do modelo tradicional de ciência.

A ciência e o conhecimento popular, nesse contexto vivem uma constante tensão, e é nesse momento em que surge a emergência do papel social das Universidades. Para Mora-Osejo e Borda (2004, p. 720), “precisa-se de universidades participativas, comprometidas com o bem comum, em especial com as urgências das comunidades de base, de modo a favorecer a substituição de ‘definições discriminatórias entre o acadêmico e o popular”.

Assim, buscamos trabalhar a formação dos educadores (as)/alfabetizadores (as) da EJA, tendo em vista uma metodologia que dê relevância às necessidades, às experiências, bem como os saberes populares dos sujeitos em formação. Nesse sentido, priorizamos o diálogo, tendo em vista as *situações-problemas-desafios* (Barroso, 2015) do cotidiano da comunidade, discutidos nos *circulo de cultura* (Freire, 1977), com base nos conteúdos e experiências de vida dos sujeitos da Comunidade, pois, desse modo, tem sido possível uma formação de alfabetizadores (as) da educação popular e no campo de forma significativa, ou seja, que compreende a aprendizagem como um processo contextualizado da própria vida.

O fato é que não existe receita pronta para formar sujeitos críticos de modo que seja dada relevância às suas necessidades, mas os caminhos metodológicos freireanos citados no parágrafo anterior, colaboram no processo de uma formação politizada, crítica e humanizadora. É justamente por isso que na Comunidade Vida Deus os próprios sujeitos produzem o material didático utilizado no processo de ensino e aprendizagem, pois seria mais difícil aprender com base em um vocabulário que não é o seu, que não é baseado na realidade concreta. Todo esse conhecimento produzido favorece os interesses da luta da classe trabalhadora por melhores condições de vida, propiciando não apenas a alfabetização, mas a constituição da autonomia enquanto sujeitos políticos.

A motivação que nos levou para o desenvolvimento desse Projeto tem como centralidade a necessidade de educação apresentada pela “Comunidade Viva Deus”, que apresentou um número significativo de pessoas analfabetas e de baixa escolarização. Nesse sentido, a demanda consistiu, prioritariamente, em desenvolver um polo formador de educadores (as) para a alfabetização, bem como para a formação política dos participantes da própria comunidade.

Tendo em vista a necessidade de formação de educadores

(as)/alfabetizadores (as) da Educação de Jovens e Adultos, na região campestre de Imperatriz/MA, buscamos nas concepções de Paulo Freire (1978, 1979, 1991), Gadotti (1996), Arroyo (2004), Brandão (2005), dentre outros autores, fundamentos para seu desenvolvimento. Nesse sentido, entendemos ser pertinente fazer uma breve contextualização sobre as experiências de formação e alfabetização no Brasil.

### **O método Paulo Freire de alfabetização**

Acontece em 1963 o I Encontro de Alfabetização e Cultura Popular, realizado no Recife, onde mais da metade dos representantes do movimento trabalhavam com a alfabetização de adultos. Isto apresentava uma ameaça ao conservadorismo e possibilidade de mudança efetiva. Os programas de alfabetização de adultos, de modo singular na história brasileira, poderiam responsabilizar-se por mudanças sociais e políticas, pois, um dos objetivos principais era a alfabetização e o processo de conscientização política pelo “Sistema Paulo Freire” (Scocuglia, 2000).

Também “o sucesso da experiência de Angicos (RN) levou alguns grupos a se interessarem na aplicação do Sistema Paulo Freire, expandindo essa experiência para fora do Nordeste o que culminou na elaboração do Plano Nacional de

Alfabetização, sob a coordenação de Paulo Freire, durante o ano de 1963”. (Vieira, 2006, p. 111), ano que também ocorreu a experiência de Osasco em São Paulo.

Em consonância com as apresentações das experiências de educação e cultura popular no Brasil, citados, a cima, por Vieira (2006), Fávero (2005) também compreende ser interessante registrá-las seguindo a cronologia de alguns movimentos mais expressivos na década de 1960. Desse modo, é feita a seguinte exposição:

Maio 1960 MCP - Movimento de Cultura Popular, criado inicialmente no Recife, depois estendido a várias outras cidades do interior de Pernambuco, quando Miguel Arraes era respectivamente prefeito da Capital depois governador do Estado.

Fev. 1961 Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, criada em Natal, na gestão de Djalma Maranhão na Prefeitura Municipal e Moacyr de Góes na Secretaria de Educação.

Mar. 1961 MEB - Movimento de Educação de Base, criado pela CNBB - Conferência Nacional de Bispos do Brasil, com apoio da Presidência da República.

Mar. 1961 CPC - Centro Popular de Cultura, criado por Carlos Estevam Martins, Oduvaldo Viana Filho e Leon Hirzman, na UNE - União Nacional dos Estudantes e difundido por todo o Brasil pela UNE-Volante, em 1962 e 1963.

Jan. 1962 Primeira experiência de alfabetização e conscientização de adultos, feita por Paulo Freire no MPC (Centro Dona Olegarinha); logo depois, no início de sua sistematização no Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife.

Jan. 1962 CEPLAR - Campanha de Educação Popular da Paraíba, criada por profissionais recém-formados, oriundos da JUC – Juventude Universitária Católica, e por estudantes universitários.

Set. 1962 Campanha de Alfabetização da UNE, a partir de experiência iniciada no então Estado da Guanabara, em out. 1961; depois do Movimento Popular de alfabetização.

Jan. 1963 Experiência de Alfabetização de Adultos pelo Sistema Paulo Freire, em Angicos, no Rio Grande do Norte.

Jul. 1963 Experiência de Brasília, ponto de partida para a adoção do Sistema Paulo Freire em vários Estados, no bojo das ações de Alfabetização e Cultura Popular patrocinada pelo Ministério de Educação e Cultura.

Jan. 1964: Criação do Plano Nacional de Alfabetização, com implantação iniciada na Baixada Fluminense, pertencente ao Estado do Rio de Janeiro.

(<http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf>).

Com o mesmo propósito de Fávero (2005), Gadotti (1996) põe em relevo o último movimento citado acima, considerando que, com o Decreto nº 53.465, de 21 de janeiro de 1964, ocorre a instituição do Programa Nacional de Alfabetização – PNA, o qual consagra o “Sistema Paulo Freire” para alfabetização, porém em tempo rápido”. A instituição do PNA fez grande diferença em relação aos movimentos anteriores da década de 1950, uma vez que é assumido o compromisso explícito em favor das classes populares,



urbanas e rurais, além da ação orientada para uma política renovadora.

Segundo Gadotti (1996, *apud* Barroso, 2015, p. 48), o Programa Nacional de Alfabetização previa a “cooperação e os serviços” de “agremiações estudantis e profissionais, associações esportivas, sociedades de bairro e municipalista, entidades religiosas, organizações governamentais, civis e militares, associações patronais, empresas privadas, órgãos de difusão, o magistério e todos os setores mobilizáveis”. Desde seus primeiros escritos e sua práxis político-pedagógica, Paulo Freire preconizava a necessidade da participação popular na luta contra o analfabetismo.

O programa previa a criação de 60.870 círculos de cultura, cada um com a duração de três meses, em todas as unidades da federação, para alfabetizar, em 1964, 1.834.200 analfabetos na faixa de 15 a 45 anos. A sua implantação efetivou-se por meio de projetos-piloto na região Sul, Sudeste e Nordeste. O PNA representou um salto qualitativo em relação às campanhas de alfabetização anteriores.

Além das experiências citadas, outra de grande relevância do movimento de educação e cultura popular para o processo de aprendizagem/alfabetização de jovens e adultos foi o Projeto Educacional de Guiné-Bissau, realizado por Paulo Freire

(1978) na década de 1970. Nesse período, era membro do departamento de educação do conselho mundial de igrejas, com sede em Genebra, onde morava exilado.

Ao ser chamado para conduzir o projeto educacional da Guiné-Bissau, Freire assessorou vários países da África, recém-libertados da colonização europeia, cooperando na implantação de seus sistemas de ensino pós-colônia. Sua primeira visita à África foi em 1971, quando foi para Zâmbia e Tanzânia, onde teve contato com vários grupos engajados em movimentos de libertação.

Na obra “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo” (1978), Paulo Freire nos relata suas emoções, identificações e angústias. Opta por não prescrever um receituário pedagógico; ao contrário, partilha o esforço comum de conhecer a realidade que busca transformar, na ajuda e conhecimento mútuos. Com esse propósito, Freire nos situa para a compreensão da aprendizagem/alfabetização de adultos, afirmando que:

Alfabetização de adultos, que numa perspectiva libertadora, enquanto um ato criador, jamais pode reduzir-se a um quefazer mecânico, no qual o chamado alfabetizador vai depositando sua palavra nos alfabetizandos, como se seu corpo consciente fosse um depósito vazio a ser enchido por aquela palavra.

Quefazer mecânico e memorizador, no qual os alfabetizados são levados a repetir, de olhos fechados, vezes inúmeras, sincronizadamente: la, le, li, lo, lu; ba, be, bi, bo, bu; ta, te, ti, to, tu, ladainha monótona que implica sobretudo numa falsa concepção do ato de conhecer.

Na perspectiva libertadora, que é a da Guiné-Bissau, que é a nossa, a alfabetização de adulto, pelo contrário, é a continuidade do esforço formidável que seu povo começou a fazer, há muito, irmanado com seus líderes, para conquista de SUA PALAVRA. Daí que, numa tal perspectiva, a alfabetização não possa escapar do seio mesmo do povo, de sua atividade produtiva, de sua cultura, para esclerosar-se na frieza sem alma de escolas burocratizadas ...

A alfabetização de adultos, como a entendemos, se faz uma dimensão da ação cultural libertadora, não podendo ser, por isso mesmo sequer pensada isoladamente, mas sempre em relação com outros aspectos da ação cultural, tomada em sua globalidade. (Freire, 1978, p. 92).

Na contramão da pedagogia oficial, Paulo Freire (1978, 1979, 1991) entende o contexto vigente, integrando-o às condições do contexto humano, pois visa o discernimento para responder aos desafios e transcendê-los. Ou seja, busca lançar o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura. Mas, para isto, aponta a necessidade de uma atitude crítica permanente, pois somente assim o homem poderá exercer sua vocação ontológica de integrar-se, apreendendo e dialogando com temas e tarefas de sua época e cultura. Assim, pode anunciar o

trânsito para uma nova época, para um tempo de mudança, com novas significações da cultural e da sociedade (Souza, 2002).

Paulo Freire anuncia o seu tempo de mudança. Ainda em contexto político de regime militar, em 1979, o governo de João Figueiredo decreta anistia aos exilados e presos políticos. Assim, em 1980, Freire pode retornar do exílio em Genebra para o Brasil. Além disso, conforme registros do Instituto Paulo Freire, em 28 de agosto de 1993, após 30 anos,

Paulo Freire e sua esposa Ana Maria Araújo Freire, acompanhados por dois fundadores do Instituto Paulo Freire (1991), Carlos Alberto Torres e Moacir Gadotti, visitam Angicos, reencontrando-se com antigos alunos e monitores, entre eles Marcos Guerra e o ex-analfabeto Antônio Ferreira que, na histórica visita de João Goulart a Angicos, discursou em nome dos colegas.

2002 – Analisando os “efeitos em longo prazo do método de alfabetização” da experiência de Angicos, Nilcéa Lemos Pelandré (2002), após entrevistar alunos que se alfabetizaram em 1963, passados 34 anos, evidenciou que os participantes aprenderam a escrever palavras isoladas e frases simples e curtas e alguns escreviam seguindo regras próprias. A aprendizagem mais significativa foi a elevação da sua autoestima e a consciência de não se sentirem mais excluídos do mundo letrado. Nesta tese de doutorado em linguística, a autora conclui que o segredo da eficácia de Angicos foi a “promoção humana, professores preparados e motivados e imersão

intensiva”. Tempo curto, convívio intenso! ([www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org)).

Eis, portanto, um ideal de Paulo Freire: educar mulheres e homens, tendo colocado sua melhor atenção nas pessoas do povo. Formar crianças, jovens e adultos oferecendo a eles o que de melhor possa haver no trabalho do educador.

Pessoas que não estudem somente para conhecerem mais as coisas, mas que todos os dias estejam aprendendo para saber mais sobre si mesmas, sobre a vida e o mundo. Mulheres e homens que se eduquem de fato e não sejam apenas “instruídos”, para partirem do que aprendem e sabem em direção a três patamares de transformações humanizadoras: a de suas vidas pessoais, a das relações entre eles e os outros, a do mundo social em que vivem e que constroem com o seu trabalho e a sua participação (Brandão, 2005).

Nesse sentido, a aprendizagem do jovem e do adulto apresentada e concretizada com a experiência da alfabetização de Jovens e Adultos em Guiné-Bissau, e em especial, em Angicos, segundo relata Nicéia Lemos Pelandré (2002, apud Barroso, 2015, p. 50), processa-se por caminhos que seguem as próprias regras, opiniões e vontades do alfabetizando, mas em especial, que tem uma significação que se encontra na

construção de uma consciência humanizadora.

De modo semelhante, ao exposto na reflexão acima, Arroyo alerta para o processo atual de ensino e de aprendizagem do alfabetizando jovem e do adulto, em que é necessário considerar importante:

... nunca esquecer de estudar com extremo capricho o papel mediador da escola, dos coletivos pedagógico-docentes nos processos de aprendizagem. Talvez seja nossa mediação que é lenta, não contínua, nem sequenciada. Pode ser que nossa mediação docente e a mediação da escola enquanto espaço cultural e prática de intervenção não estejam dando conta das complexas capacidades de aprendizagem de todo aluno. (Arroyo, 2004, p. 344).

Desse modo, para que esse processo mediacional ocorra de forma significativa no percurso do ensino e da aprendizagem do (a) alfabetizando (a) jovem e do adulto, é necessário também considerar importante a compreensão de que:

Eles trazem consigo saberes, crenças e valores já constituídos, e é a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e de suas visões de mundo que cada aluno jovem ou adulto pode apropriar-se das aprendizagens escolares de modo crítico e original, na perspectiva de ampliar sua compreensão e seus meios de ação e interação no mundo. (Soares & Pedroso, 2013, p. 252).

Nesse sentido, é de suma importância que alfabetizadores (as) busquem

compreender seus alfabetizados (as), busquem conhecer suas histórias, suas culturas familiares, seus saberes, suas curiosidades, suas expectativas, suas hipóteses, suas vontades, seus desejos e necessidades de aprendizagem (Soares & Pedroso, 2013).

Assim, o trabalho desenvolvido procura dar relevância às concepções dos autores contemplados anteriormente e os demais citados ao longo do texto, as experiências dos sujeitos da Comunidade, bem como as histórias de vida de cada um e o processo social/coletivo do desenvolvimento e constituição humana, política dos participantes deste trabalho coletivo.

### **Instrumentos de ação interventiva na Comunidade Viva Deus**

A ação interventiva foi realizada na comunidade, a partir do seguinte processo: aulas de formação para alfabetização que denominamos de *círculo de cultura*, conforme a metodologia freireana, como também, as *situações-problemas-desafios*, levantadas nos *círculos de cultura*, uma vez que este método permite trabalhar de forma dialógica sobre as questões e saberes cotidianos, levantados e escolhidos pelos próprios sujeitos da comunidade para o processo de formação.

Nesse sentido, com base no *ciclo de cultura* e também na *situações-problemas-desafios*, mas premente o processo de formação de alfabetizadores (as), também utilizamos como instrumento a produção do *texto coletivo* que funciona como material didático para a própria formação dos sujeitos em processo formativo, e também para os que serão alfabetizados pela própria comunidade. E por fim utilizamos a *palavra geradora* que é significativa para o processo de alfabetização.

O *círculo de cultura* organizado na figura geométrica do círculo, onde todos se olham com a finalidade de promover a socialização afetiva do debate e discussões que estão atrelados ao cotidiano dos sujeitos não alfabetizados até o presente momento. A figura do círculo representa um processo educativo acompanhado de um mediador, que se propõe a caminhar com os adultos não alfabetizados, a construir e debater assuntos com uma linguagem mais clara e objetiva para os adultos.

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no

círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor”. (Weffort, 1967, p. 03).

O *círculo de cultura* é uma ferramenta que visa substituir o método tradicional da turma, com fileiras de cadeiras e a imagem do professor adepto da educação bancária – aquele que apenas deposita informações ou conhecimentos sem o direito da dúvida e questionamentos para com os alunos – para um círculo; onde todos possam participar e interagir entre si, não estando preferencialmente em uma sala de aula e sim numa área aberta em baixo de árvores, que para o Freire (1977) são as primeiras salas de aulas vivas do povo oprimido pelo sistema capitalista ocidental.

Seu conteúdo aborda conhecimentos sistematizados e questões referentes à prática social para o exercício da cidadania na perspectiva da participação política, buscando soluções para problemas do mundo do trabalho e da vida. Trabalhando temas relacionados à política, cultura, campo, filosofia, sociologia, ética, transformação, motivação, luta, reforma, filhos, famílias, afetividade, história de

vida, religiosidade, direitos humanos, moradia, movimentos sociais, sonhos, leitura, saúde, alimentação, força de vontade, e outros assuntos que são comuns ao povo oprimido – mas de forma mais clara e objetiva a eles. Esta fase é de resultados muito ricos para a equipe de educadores, não só pelas relações que travam, mas pela exuberância não muito rara da linguagem do povo da qual às vezes não se suspeita (Freire, 1977).

Nesse sentido, buscamos que todos estejam inseridos no círculo e possam verbalizar ou relatar o entendimento do assunto trabalhado naquele momento com uma postura de vida participativa e de protagonismo diante dos desafios impostos pelo trabalho e outros segmentos da sociedade civil.

A partir dessa fase dialógica dos *círculos de cultura* é possível identificar as problemáticas mais recorrentes nas comunidades, chegando assim, a fase das *situações-problemas-desafios*. Segundo Barroso (2015) na maioria das vezes é feita uma votação entre os sujeitos que estão no processo de alfabetização para eleger uma ou mais dificuldades ou problemas recorrentes, assim, configurando-se as *situações-problemas-desafios*, que terão seus desdobramentos com as (os) alfabetizadas (os) e alfabetizadores na sala de aula.

A partir da Situação-Problema-Desafio que podem ser de natureza política, econômica, cultural, do trabalho, da cognição-afeto, ou seja, situação de sobrevivência que os moradores alfabetizando (as) enfrentam no cotidiano, em sala de aula são trabalhados com a elaboração do texto coletivo, que proporciona a aprendizagem de várias temáticas, conteúdos de ensino, bem como a possível superação do problema, ou situação difícil. (Barroso, 2015, p. 74).

O *texto coletivo* consiste na elaboração, primeiramente, oral e depois escrita sobre o tema levantado. E a partir do texto construído coletivamente pelos sujeitos, o processo de alfabetização pode ser desenvolvido, tendo como referência o próprio texto, a sonorização das palavras, o reconhecimento de sílabas e letras no contexto do tecido textual. Também utilizando recursos visuais, ou seja, imagens fotográficas, vídeos, revistas, jornais, materiais didáticos apropriados à realidade da comunidade e dos sujeitos.

Segundo as concepções freireanas a *palavra geradora* é fundamental para o processo de alfabetização, por isso deve seguir os seguintes critérios:

a - o da riqueza fonêmica; b - o das dificuldades fonéticas (as palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua, colocadas numa seqüência que vá gradativamente das menores às maiores dificuldades); c - o de teor pragmático da palavra, que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada

realidade social, cultural, política, etc. (Freire, 1977, p. 113).

A *palavra geradora* não tem a função de memorização, mas sim de visualização. Após essa visualização da palavra completa, apresenta-se também a palavra de forma separada, em sílabas, é dessa forma que o aluno identifica de modo geral os “pedaços”. Essa fase dos “pedaços” o aluno tem um reconhecimento, análise e visualização das famílias fonêmicas que compõem a palavra estudada.

Visualizada a palavra dentro da situação, era logo depois apresentada sem o objeto: **Tijolo**. Após, vinha: **ti-jo-lo**. A partir da primeira sílaba **ti**, motiva-se o grupo a conhecer toda a família fonêmica, resultante da combinação da consoante inicial com as demais vogais. Em seguida o grupo conhecerá a segunda família, através da visualização de **jo**, para, finalmente, chegar ao conhecimento da terceira. Quando se projeta a família fonêmica, o grupo reconhece apenas a sílaba da palavra visualizada. (**ta—te—ti—to—tu**), (**ja—je—ji—jo—ju**) e (**la—le—li—lo—lu**) Reconhecido o **ti**, da palavra geradora **tijolo**, se propõe ao grupo que o compare com as outras sílabas, o que o faz descobrir que, se começam igualmente, terminam diferentemente. Desta maneira, não podem todos *chamar-se ti*. Idêntico procedimento para com as sílabas **jo** e **lo** e suas famílias. Após o conhecimento de cada família fonêmica, fazem-se exercícios de leitura para a fixação das sílabas novas. O momento mais importante surge agora, ao se apresentarem as três famílias juntas: **ta-te-ti-to-tu, ja-**

**je-ji-jo-ju e la-le-li-lo-lu.** (Freire, 1977, p.116-117, grifos do autor).

Conforme Freire (1977), todo esse processo é fundamental para que não haja uma alfabetização pautada em uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas. Mas de uma alfabetização firmada em criação e recriação, onde os (as) alfabetizandos (as) construam seu processo formativo através de suas próprias experiências de vida. Entretanto, é necessária uma postura diferenciada de educador, com um papel mais dialógico com as (os) alfabetizadas (os) sobre situações concretas, dando-lhes os instrumentos oportunos para a alfabetização. Ou seja, uma alfabetização não deve ser feita de cima para baixo, mas de dentro para fora, pelo (a) próprio (a) alfabetizando (a), apenas com o auxílio do educador.

### **Momento prático de alfabetização de Jovens e Adultos na Comunidade Viva Deus**

O primeiro círculo de cultura na Comunidade Viva Deus aconteceu no dia primeiro de novembro de 2016. Chegamos à comunidade às 14h, fomos recepcionados pelo presidente da Comunidade, Silvio Sousa e outro representante; logo a professora Betânia (coordenadora do Projeto) procurou colocar em círculo as carteiras fazendo jus ao método que foi

trabalhado - círculo de cultura -, enquanto aguardava a chegada de outros participantes, bem como organizar o material para a distribuição que constava de: uma pasta azul, caderno de brochura, lápis e borracha.

Estavam presentes o Antônio, que nunca frequentou uma escola, a Tereza, que cursou o primeiro ano do ensino fundamental e o Raimundo, que nunca foi à escola, nenhum deles sabia ler nem escrever. Já o José Pedro que estudou até a quarta série do ensino fundamental e o Sílvio Sousa (presidente da comunidade) que tem ensino médio e técnico completos, portanto sabem ler e escrever. Esse primeiro momento girou em torno de apresentações, tanto dos membros da comunidade como também das professoras da UFMA.

Durante as apresentações, rapidamente captou-se palavras como *descrença, medo e produção*. Muitos dos membros demonstravam seus anseios, dilemas e angústias quanto àquela terra. Destacou-se nessa conversa um jovem por nome de Gersivam e sua irmã, ambos membros da comunidade. A partir deles o diálogo acerca do aproveitamento da terra ganhou fecundidade, considerando seu conhecimento sobre o plantio e aproveitamento da terra. Logo seria viável o plantio de feijão verde, rúcula, cebolinha,

dar prioridade para a agricultura familiar, destacava-se com propriedade em sua fala, pois sabia que determinados alimentos a exemplo da plantação de abóbora e tomate torna-se inviável, quer pelo barateamento e pouco lucro, quer pelo método complexo e caro no caso do plantio do tomate.

O incentivo no plantio de horta é bastante significativo para a comunidade, pois, embora possuam pouco espaço para plantar, o retorno e a rapidez do plantio são garantidos.

Assim, a professora Betânia e o Silvio, Presidente da Comunidade, resolveram colocar como ordem do dia uma visita a EMBRAPA, a fim de estabelecer uma parceria e subsídios em sementes para a comunidade. Dito isso, o encontro encerrou-se com um abraço coletivo, como forma de representação da força de uma comunidade em face de problemas do cotidiano: *Juntos somos muito mais!*

Na segunda visita à comunidade, que ocorreu no dia oito de novembro de 2016, começamos com o questionamento sobre as necessidades e problemas frequentes que a comunidade enfrenta. Eles destacaram como problemáticas o conflito com a empresa Suzano Papel e Celulose, a necessidade da plantação e resultados positivos por meio dela, como a fixação da terra. E assim, encontrar algum modo para

que a Comunidade possa conseguir a terra, ter renda a partir dela, bem como, ter energia, água e a escola para a comunidade.

A partir do círculo de cultura e também da situação-problema-desafio, iniciamos a execução de outro instrumento que auxiliou o processo formativo dos futuros educadores (as), da formação política e dos que serão alfabetizados, que foi a produção do texto coletivo, material didático produzido pelos sujeitos participantes da Comunidade. Esse texto coletivo foi elaborado em primeira etapa de forma oral, em segunda etapa de forma escrita, sobre uma temática levantada pela comunidade. O texto pôde auxiliar o processo de alfabetização, pois foi a principal referência para a exercitação da sonoridade das palavras, o reconhecimento de sílabas e letras.

Após as várias problemáticas levantadas pela comunidade Viva Deus, fizemos a divisão em dois grupos para elaboração dos textos coletivos com a temática que eles achassem mais relevante. O grupo dos não alfabetizados elaborou o texto com o título “Plantação”, que dizia o seguinte:

Plantar para que haja a produção de feijão, macaxeira, batata, mamão, tomate, cebola, chuchu, cheiro verde, milho, banana, amendoim, cana para caldo, cupu, quiabo, pimenta malagueta, alface, pimentão, cenoura,



beterraba, jiló, batata doce, melancia, fava e a cultura que é o caju. E o fumo que é vendável também. Coco da praia e o maracujá.

O segundo texto coletivo foi formulado pelo grupo de formação de educadores (as)/formação política, e tem como título “Plantar com Coragem” e foi composto da seguinte forma: “O povo tem vontade de trabalhar, mas a empresa Suzano põe na cabeça do povo que se plantar vão ser expulsos da terra. É importante conscientizar a educação para o plantio. E o povo perde o medo”.

Logo após a construção desses textos, ficou evidente a principal problemática da comunidade. Eles entraram em um consenso de que plantar é a principal necessidade da comunidade. Assim, após a construção da palavra geradora Plantar, por meio do *ciclo de cultura*, das *situações-problemas-desafios*, a construção do *texto coletivo* torna-se fruto da relação dialógica entre os sujeitos participantes.

Todo esse procedimento é significativo para que ocorra a alfabetização dos membros da comunidade que estão em processo de alfabetização. É a partir dessa palavra que o grupo começa a resgatar um dicionário vocabular próprio, por meio de suas experiências na comunidade, e, também experiências de vida. Essa palavra foi norteadora nesse processo de ensino-aprendizagem.

A palavra **PLANTAR** foi dividida: **P-L-A-N-T-A-R**, pois para Freire (1977, p. 116) imediatamente à visualização dos “pedaços” e fugindo-se a uma ortodoxia analítico-sintética que separa o reconhecimento das famílias fonêmicas. A partir da primeira sílaba **pa**, motiva-se o grupo a conhecer toda a família fonêmica, resultante da combinação da consoante inicial com as demais vogais. Em seguida, o grupo conheceu a segunda família, através da visualização de **lo**, para, finalmente, chegar ao conhecimento da terceira, seguindo a sequência silábica.

Figura 1 - Membros da Comunidade Viva Deus e participantes do grupo GEPEEP em busca das situações-problemas - desafios, confeccionando o texto coletivo e chegando ao consenso da palavra geradora.



Fonte: Acervo do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP). Registro fotográfico realizado na Comunidade Viva Deus em 08/11/2016.

Começamos, portanto, a partir desse método o processo de alfabetização do grupo dos alfabetizandos, através da palavra geradora. A nossa palavra geradora é **PLANTAR**. Assim, começamos com a apresentação das sílabas e vogais, seguindo a sequência das letras da palavra geradora, no caso utilizamos no encontro do dia vinte e dois de novembro de 2016, a letra **p** e através dela formamos as sílabas **pa, pe, pi, po, pu** e as vogais **a, e, i, o, u**. Logo depois da apresentação dessas sílabas e vogais, a professora Betânia pediu que os

alunos do grupo falassem palavras que iniciassem com a letra **p**.

Nesse sentido, os alunos montaram um dicionário de palavras com a letra **p**. As palavras criadas por eles foram as seguintes: **peixe, pimenta, pimentão, panela, pipoca, pirulito, paçoca, Pedro, porco, Paulo, pescador, procurar, panelada, plantas, plano, parede, poeira, palmeira, povo, pau, popular, planilho, pote, prato, pato, pia, piano, piscina, pinto, pilão, pintura**. A professora pediu que eles identificassem as sílabas no dicionário, começando por **pa**, depois **pe**, e

assim por diante. Eles identificaram, repetiram e pronunciaram as palavras do dicionário e depois associaram essas palavras com a palavra geradora.

Já no dia vinte e nove de novembro de 2016, continuamos o processo de alfabetização do grupo, dos alfabetizandos, através da palavra geradora – **PLANTAR**. No encontro passado trabalhamos com a letra **p**. Nesse quarto encontro trabalhamos com a letra **l**, dando sequência às letras da palavra geradora. A professora Betânia apresentou a família fonêmica da letra **l**, que é: **la, le, li, lo, lu**, e logo depois pediu que os alunos do grupo falassem palavras que iniciassem com a letra **l**.

Os alunos montaram um dicionário de palavras com a letra **l**. As palavras apresentadas por eles foram as seguintes: **laranja, lata, litro, livro, liga, leite, limão, larva, lugar, luz, lápis, luva, lima, livre, lar, leilão, levado, lavar, Levi, Luana, louvar, louvor, louro, lodo, loura**. A professora pediu que eles identificassem as sílabas no dicionário, começando por **la**, depois **le**, e assim por diante. Eles identificaram, repetiram e pronunciaram as palavras do dicionário e depois associaram essas palavras com a palavra geradora.

O encontro do dia vinte e sete de junho de 2017 iniciou com informes sobre a ausência de transporte da UFMA, por

falta de motoristas, e que esse foi o principal motivo da nossa ausência no primeiro semestre do ano de 2017. Silvio (presidente da comunidade) leu seu texto de boas-vindas aos alunos. Agendamos a confraternização da comunidade para o dia 18/07/2017, como também, informamos que a data de audiência marcada com o Ministério Público Federal (MPF) para tratar do conflito da comunidade com a empresa Suzano Papel e Celulose teria sido dia 12/07/2017. Houve a apresentação da integrante do grupo GEPEEPE, Adeluane Almeida e de um membro da Comunidade Antônio Alves. Os alunos presentes no grupo de alfabetização foram: Raimundo, Ceará, Antônio Alves, Tereza e Virginia.

Nesse mesmo dia, foi recapitulado o dicionário de palavras formado a partir da letra **l**. Através desse dicionário, nós pedimos para que os alunos escolhessem as palavras que estavam relacionadas com a nossa palavra geradora **PLANTAR**, ou seja, citar algum nome de frutas ou legumes que fosse plantado. Eles mencionaram: **laranja, lima, limão, louro**. Após isso os alunos foram ao quadro e identificaram as letras **a** e **n**.

A próxima letra da palavra geradora trabalhada foi a letra **n**. Os alunos montaram outro dicionário por meio dessa letra, assim foi criado: **neve, Nivo, Nena, navio, Nilo, novembro, ninho, novo,**

**none, nome, nariz, namorar, noivo.** Mas, nessa formação foram mencionadas palavras que não se iniciam com a letra N, tiveram palavras aleatórias: **canoa, banana, tanja, melão.** Entretanto, a maioria das palavras citadas continha a letra N, só que no meio delas. Isso faz parte do processo de significação das palavras. Eles conseguem juntar, na maioria das vezes, as palavras de forma correta, ora ou outra elas se misturam, mas em seguida são reorganizadas.

Na sequência, requisitamos que eles identificassem as palavras com a letra **n** de legumes ou frutas que podem ser plantadas. Eles falaram que **tanja, none, melão** poderiam ser plantados, circularam no quadro esses nomes de frutas e escreveram nos cadernos. Esse dia foi o primeiro que nós trabalhamos com as frases. Os alunos montaram frases relacionadas com a fruta que começa com a letra N (**none**). As frases foram as seguintes: **NONE é fruta medicinal; NONE é bom para a saúde; NONE tem gosto ruim, NONE é redondo.** Encerramos a aula com a leitura dessas frases.

No dia vinte e sete de junho de 2017 o círculo de cultura foi iniciado pela professora Juliana Ferreira para alfabetização de jovens e adultos na comunidade Viva Deus. Ela inicia com a

palavra geradora **PLANTAR**, resgatando as palavras da aula anterior, quais sejam: **neve, Nilo, Nena, navio, Nivo, novembro, ninho, novo, canoa, banana, tanja, none, melão, nariz, namorar, noivo.** Após a escrita das palavras, Juliana pede para que os alunos identifiquem a letra **n**. Todos identificaram a letra e a sonoridade. Depois, perguntamos quais palavras têm significado de elementos da terra que podem ser plantados? Os alunos conseguem identificar: **banana, tanja, none, melão.** Continuamos com a leitura fonêmica com a letra **t** e sua família: **ta, te, tí to, tu.**

Começa a perguntar quais palavras iniciam com **ta**. Os alunos manifestam as seguintes palavras: **tinta, trabalho, tamanho, tamanco, poste, tangerina, tanja, tamarino, tacho, táxi, tatu, tamanduá, tanque, tambor, tamborim, tarol, tigela, bota.** A professora pede para que todos leiam as palavras escritas no quadro. Após isso, pede para verificarem as palavras que podem estar relacionadas com “**PLANTAR**”. Eles identificam as seguintes: **tamarino, tangerina, tanja.** Após a identificação das palavras, os alunos escrevem frases no quadro: **TANJA é uma fruta; TANJA é madura; TANJERINA é azeda, TANJERINA doce.** Ao final todos leram as frases formuladas.

Figura 2 – “As cercas continuam lá, mas o medo de plantar acabou”: plantação de feijão feita na Comunidade Viva Deus.



Fonte: Acervo do Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP). Registro fotográfico realizado na Comunidade Viva Deus em 07/06/2017.

No dia dezoito de agosto de 2017 aconteceu nosso encontro de encerramento do primeiro semestre do ano, com o Projeto: “A formação de alfabetizadores (as) jovens e adultos da zona rural de Imperatriz/MA: Projeto Escola Comunidade Viva Deus”. Foram feitas as apresentações dos participantes,

apresentações dos trabalhos realizados nos grupos (alfabetização e formação política), leitura imagética do Silvio (presidente da comunidade), avaliação do trabalho feita por todos os participantes nesse primeiro ano e a entrega de certificação para os alunos da comunidade e membros do grupo GEPEEP.



Figura 3 - Certificação dos alunos da Comunidade e dos participantes do grupo GEPEEP.



Fonte: Acervo do Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP). Registro fotográfico realizado na Comunidade Viva Deus em 08/11/2016.

Figura 4 - Certificação dos alunos da Comunidade e dos participantes do grupo GEPEEP.



Fonte: Acervo do Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP). Registro fotográfico realizado na Comunidade Viva Deus em 08/11/2016.

## Considerações finais

Portanto, o projeto de alfabetização e formação política na Comunidade Viva Deus está em consonância com a metodologia e os ideais de Paulo Freire:

Como ajudá-lo a criar, se analfabeto, sua montagem de sinais gráficos? Como ajudá-lo a inserir-se? A resposta nos parecia estar: a) num método ativo, dialógico, crítico e criticizador; b) na modificação do conteúdo programático da educação; c) no uso de técnicas como a da Redução e da Codificação. (Freire, 1977, p. 107).

Da mesma forma nos deparamos com esses questionamentos, com conflitos metodológicos, bem como com as experiências cotidianas da convivência com a comunidade, ou seja, com a realidade do que temos trabalhado na Comunidade Viva Deus, no grupo de alfabetização e também no grupo de conscientização política.

Assim, partindo de uma ação dialógica, democrática, emancipatória que não está presa somente ao processo formativo de saber ler e escrever, mas também de uma reafirmação de identidade da comunidade, da própria existência autônoma no espaço social, é que o presente trabalho encontrou significação e pode afirmar a concretização de mudanças

e transformações da Comunidade Viva Deus.

## Referências

Arroyo, M. G. (2004). *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes.

Barroso, B. O. (2015) *A constituição do sujeito de aprendizagem: uma perspectiva da aprendizagem situada na alfabetização de jovens e adultos no centro de cultura e desenvolvimento do paranoá – CEDEP – DF* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília.

Brandão, C. R. (2005). *Paulo Freire, Educar para transformar*. São Paulo: Mercado Cultural.

Fávero, O. (2005). Memória das campanhas e movimentos de educação de jovens e adultos (1947-1966). *Núcleo de Estudos e Documentação de Educação de jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: UFF. Recuperado de <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf>

Freire, P. (1977). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1978). *Cartas à Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1979). *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes.

Freire, P. (1991). *A Educação na cidadania*. São Paulo: Cortez.

Gadotti, M. (Org.). (1996). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.

Gohn, M. G. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, 16(47), 333-361. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>

Mora-Osejo, L. E., & Borda, O. F. (2004). A superação do eurocentrismo: Enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre nosso contexto tropical. In Santos, B. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente* (pp. 711-720). São Paulo: Cortez.

Plataforma Instituto Paulo Freire. Recuperado de [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org)

Scocuglia, A. C. (2000). *A educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60*. Brasília: Plano Editora.

Soares, L. J. G., & Pedroso, A. P. F. (2013). Dialogicidade e a formação de professores na EJA: as contribuições de Paulo Freire. *Educação Temática Digital*, 15(2), 250-263. <https://doi.org/10.20396/etd.v15i2.1281>

Souza, R. A., & Matineli, T. A. P. (2009). Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro. *Revista HISTEDBR On Line*, 35, 160-162. <https://doi.org/10.20396/rho.v9i35.8639620>

Vieira, M. C. (2006). *Memória, história e experiência: trajetórias de educadores de Jovens e Adultos no Brasil* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Wanderley, L. E. (1984). *Educar para transformar: educação popular, igreja católica e política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis: Vozes.

Weffort, F. C. (1967). *Educação e Política: reflexões sociológicas sobre uma*

*pedagogia da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

#### Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 07/02/2019

Aprovado em: 04/05/2019

Publicado em: 29/02/2020

Received on February 07th, 2019

Accepted on May 04th, 2019

Published on February, 29th, 2020

**Contribuições no artigo:** As autoras foram os responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

**Author Contributions:** The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

**Conflitos de interesse:** As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

#### Orcid

Betânia Oliveira Barroso



<http://orcid.org/0000-0003-2205-1477>

Jullyana Cristhina Almeida de Freitas



<http://orcid.org/0000-0003-0918-3985>

Elena Steinhorst Damasceno



<http://orcid.org/0000-0002-5859-4695>

Juliana Ferreira de Sousa



<http://orcid.org/0000-0001-6840-3760>

#### Como citar este artigo / How to cite this article

##### APA

Barroso, B. O., Freitas, J. C. A., Damasceno, E. S., & Sousa, J. F. (2020). Da alfabetização a politização na Comunidade Viva Deus. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 5, e6500. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6500>

##### ABNT

BARROSO, B. O.; FREITAS, J. C. A.; DAMASCENO, E. S.; SOUSA, J. F. Da alfabetização a politização na Comunidade Viva Deus. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 5, e6500, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6500>